

# RADAR ÁSIA-PACÍFICO



Agosto 2023

RADAR ÁSIA-PACÍFICO  
Agosto 2023  
v.2 n.8



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO  
PUC-RIO

# SOBRE A LIGA DE ESTUDOS ÀSIA-PACÍFICO

A Liga de Estudos Ásia-Pacífico (LEAP) é um projeto extracurricular idealizado e desenvolvido por alunos do curso de graduação de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Por meio de atividades extracurriculares de ensino, pesquisa e extensão, a LEAP tem por objetivo principal aprofundar a contribuição dos discentes da universidade nos debates acadêmicos acerca das questões de cooperação, conflito, política e cultura dos países da Ásia-Pacífico.

O Radar Ásia-Pacífico é a análise de conjuntura mensal escrita pelos ligantes da LEAP, com a finalidade de discutir os temas latentes que dizem respeito à cooperação e conflito na região no último mês.

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)s autor(a)(es) não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

## **EQUIPE LEAP**

### **Professor coordenador da LEAP**

Diego Santos Vieira de Jesus

### **Presidentes da LEAP**

Maria Gabriela Veloso Camelo

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

### **Diretores da LEAP**

Mariana Azevedo Soares Quintanilha

Sofia Mendes Magalhães

Beatriz Nardy de Queiroz

## **RADAR ÁSIA-PACÍFICO**

Agosto/2023. Rio de Janeiro.

PUC - Liga de Estudos Ásia-Pacífico

19p; 29,7 cm

1. Ásia-Pacífico;
2. Cooperação;
3. Conflito;



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO  
PUC-RIO

# SUMÁRIO

1

## **AS CRESCENTES AMEAÇAS DE DESASTRES NATURAIS NA REGIÃO DA ÁSIA-PACÍFICO**

Beatriz Fernandes Lira Cavalcante  
Beatriz Nardy de Queiroz

2

## **CINEMA OCIDENTAL NA ÁSIA-PACÍFICO: AS CONTROVÉRSIAS GEOPOLÍTICAS DE “BARBIENHEIMER” NO LESTE E SUDESTE ASIÁTICO**

Gabriel Porto Póvoas  
Mariana Azevedo Soares Quintanilha

3

## **70 ANOS DO ARMISTÍCIO DA GUERRA DA COREIA**

Maria Gabriela Veloso Camelo  
Renan Guimarães Canellas de Oliveira

4

## **GOVERNO BIDEN IMPÕEM RESTRIÇÕES A INVESTIMENTOS QUE POTENCIALMENTE BENEFICIEM A CHINA: O QUE ISSO SIGNIFICA PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL?**

Franciane da Silva Farias

# 1

## AS CRESCENTES AMEAÇAS DE DESASTRES NATURAIS NA REGIÃO DA ÁSIA-PACÍFICO

Beatriz Fernandes Lira Cavalcante

Beatriz Nardy de Queiroz

Desastres naturais estão aumentando em todo o mundo e, nos últimos anos, a Ásia-Pacífico tem testemunhado um acentuado aumento nas ameaças representadas por esses desastres. A emergência de consequências alarmantes para os ecossistemas locais e para o bem-estar humano na região trazem à tona desafios associados à mitigação e adaptação a tais eventos, ganhando destaque nas agendas políticas e de desenvolvimento tanto nacional, quanto regional. Nesse sentido, a convergência de fatores climáticos, geológicos e socioeconômicos tornou-se fonte de crescente preocupação para diversos países da região, uma vez que a frequência e a intensidade das tragédias naturais comprometem não apenas a estabilidade ecossistêmica, mas também os alicerces socioeconômicos das nações.

Dessa forma, frente às inúmeras ameaças e mudanças que as alterações climáticas apresentam, um claro cenário se revela para os mais diversos países, porém, em especial, para os países desta região: a falta de preparado para enfrentar os fenômenos meteorológicos extremos, que cada vez se tornam mais frequentes e mais intensos (ESCAP, 2023). Entre a sua falta de preparo, destacam-se, brevemente, a carência de meios financeiros que se destinariam para o apoio dos esforços de adaptação e mitigação e de dados necessários para monitorar a ação climática (ESCAP, 2023).

A problemática, entretanto, vai além dos níveis de preparação para enfrentar esses fenômenos, sendo necessário abarcar, também, a diversidade geográfica que a Ásia-Pacífico possui. Entre os seus mais diversos países, a região apresenta climas que vão desde tropicais a polares, além de ecossistemas como tundras, desertos, alpes, florestas tropicais e regiões montanhosas (SHAW, et al, 2022). Porém, uma das consequências dessa grande diversidade está no espectro de riscos naturais que a região pode sofrer, desenvolvendo-se características únicas de perigo, vulnerabilidade e exposição, com pontos críticos sendo definidos em toda a região (ESCAP, 2023).

Dentro desse cenário, segundo a *Economic and Social Commission for Asia*

*and the Pacific*, ou ESCAP, sigla em inglês, indivíduos que vivem na Ásia-Pacífico possuem seis vezes mais probabilidade de serem afetados por catástrofes do que outras pessoas, tendo a região sofrido, entre 1970 e 2022, quase 10 desastres climáticos, hídricos ou sísmicos a cada mês (ESCAP, 2023). Também mensalmente, esses desastres se traduzem em aproximadamente 3.200 vidas perdidas, além de danos estimados em US\$3,8 milhões, causando mais dano em porcentagem do PIB do que no resto do mundo (ESCAP, 2023).

Esses números, entretanto, podem ir além quando consideramos o EM-DAT (*The International Disaster Database*), que possui dados sobre a ocorrência e os impactos de mais de 26 mil desastres em massa no mundo desde 1900 até os dias atuais, incluindo, assim, desastres climáticos (EM-DAT). Entre os seus dados, torna-se necessário destacar de forma mais específica alguns dos países que mais são expostos a eventos de risco relacionados ao clima e às mudanças climáticas. Assim, entre 1970 e 2021, a China foi o principal país afetado, com 495 eventos, e as Filipinas o segundo país, com 471 eventos (ESCAP, 2023).

Cabe ressaltar, ainda, a contradição que envolve os efeitos das mudanças climáticas e os consequentes desastres naturais na região. Segundo o relatório *Race to Net Zero: Accelerating Climate Action in Asia and the Pacific*, produzido pela ESCAP, embora a região sofra as piores consequências das alterações climáticas, é também um dos principais perpetradores; responsável por mais de metade das emissões mundiais de gases com efeito de estufa. Esta porcentagem está aumentando à medida que as populações crescem e as economias continuam a ser alimentadas por combustíveis fósseis (ESCAP, 2023). Nesse sentido, não somente ações de adaptação, mas também ações e políticas de mitigação se fazem necessárias para lidar com os impactos adversos na região.

O impacto e a magnitude das recentes tragédias ambientais – como ciclones, deslizamentos de terra, ondas de calor e erupções vulcânicas (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021) – indicam que as mudanças climáticas estão tornando os perigos fruto dos desastres naturais ainda mais frequentes e intensos. De acordo com o Relatório de Desastres da Ásia-Pacífico de 2023, produzido pelo ESCAP, existe a possibilidade de que o aquecimento global intensifique os riscos já mapeados e faça surgir novas áreas de perigo na região. Assim, fica claro que a Ásia-Pacífico é uma das regiões que mais sofre com a ameaça cres-

cente de desastres induzidos pelas mudanças do clima. Diante desse cenário, desastres naturais cada vez mais frequentes em toda a região servem como lembrete da urgência de construir e manter a resiliência contra futuras catástrofes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EM-DAT. The International Disaster Database. **EM-DAT**. Disponível em <https://emdat.be/>. Acesso em 22 ago. 2023.

ESCAP. Asia and the Pacific unprepared to face climate-induced catastrophes, warns new UN study. **ESCAP**, 08 maio 2023. Disponível em <https://www.unescap.org/news/asia-and-pacific-unprepared-face-climate-induced-catastrophes-warns-new-un-study#:~:text=Over%20the%20past%2060%20years,economies%20damaged%2C%20and%20societies%20undermined>. Acesso em 22 ago. 2023.

ESCAP. Climate-related and biological multi-hazard. **ESCAP**, s.d. Disponível em <https://rrp.unescap.org/hazard-hotspots/climate-related-and-biological-multi-hazard>. Acesso em 22 ago. 2023.

ESCAP. The Asia-Pacific Riskscape: How do the changes in weather, climate and water impact our lives?. **ESCAP**, 23 mar. 2023. Disponível em <https://www.unescap.org/blog/asia-pacific-riskscape-how-do-changes-weather-climate-and-water-impact-our-lives>. Acesso em 22 ago. 2023.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. COVID-19, desastres naturais e crise climática representam "tripa ameaça" na Ásia e no Pacífico. **Nações Unidas Brasil**, 26 ago. 2021. Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/141872-covid-19-desastres-naturais-e-crise-clim%C3%A1tica-representam-tripa-amea%C3%A7a-na-%C3%A1sia-e-no-pac%C3%ADfico>. Acesso em 22 ago. 2023.

SHAW, R., et al. Asia. *In*: PÖRTNER, Hans-Otto et al [eds]. Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press: Cambridge, UK and New York. Disponível em: [https://report.ipcc.ch/ar6/wg2/IPCC\\_AR6\\_WGII\\_FullReport.pdf](https://report.ipcc.ch/ar6/wg2/IPCC_AR6_WGII_FullReport.pdf) Acesso em 22 ago. 2023.

# 2

## CINEMA OCIDENTAL NA ÁSIA-PACÍFICO: AS CONTROVÉRSIAS GEOPOLÍTICAS DE “BARBIENHEIMER” NO LESTE E SUDESTE ASIÁTICO

Gabriel Porto Póvoas

Mariana Azevedo Soares Quintanilha

As estreias dos dois blockbusters – palavra designada e produções culturais que obtêm grande sucesso e popularidade – Barbie e Oppenheimer têm causado comoção nas redes sociais nos últimos meses, fenômeno que em boa parte está associado ao investimento em suas produções. Consequência da magnitude que tomaram ambos os filmes, a conciliação de suas estreias e suas capacidades de atingir diversos públicos, formou-se então o fenômeno Barbenheimer. Logo foram elaborados diversos “memes” por internautas, muitos deles utilizando as imagens dos dois personagens principais de ambas as obras juntos e, o que foi considerado por muitos uma insensibilidade, utilizando duplos sentidos com a figura da bomba atômica em alusão ao sucesso “explosivo” que vinham fazendo (Veja, 2023). Muitas dessas piadas foram compartilhadas pelas contas oficiais da Warner Bros Studios, que após retaliações de sua sede japonesa e de internautas japoneses, emitiram uma nota de retratação.

As controvérsias geopolíticas de “Barbenheimer” são muitas, mas numa análise inicial pode-se dizer que ela se configura como fruto da insensibilidade de suas estratégias publicitárias de divulgação, especialmente na perspectiva do público japonês, profundamente traumatizado pelos efeitos geracionais das bombas atômicas. Para entender a proporção negativa dos engajamentos da Warner no Twitter e outras redes sociais, é importante ter em mente que o filme Oppenheimer se dispõe a contar a história de Julius Robert Oppenheimer, responsável pela criação das primeiras bombas atômicas da história, categoricamente utilizadas nos bombardeios em Hiroshima e Nagasaki durante o período da Segunda Guerra Mundial e que sucedeu o ataque japonês à base estadunidense Pearl Harbor, no Havaí. Deste modo, observa-se que a abordagem escolhida pelas campanhas publicitárias negligenciaram o caráter identitário da vitimização japonesa no que concerne ao evento traumático de Hiroshima e Nagasaki, que teve como marcador o óbito de milhares de pessoas. Portanto, é possível dizer que a insensibilidade somada a uma romantização do episódio foram os motivos do surgimento da hashtag *#NoBarbenheimer* e da possibilidade de que o filme “Oppenheimer” não seja exibido em território japonês. (The New York Times, 2023).

RADAR ÁSIA-PACÍFICO

AGOSTO 2023

v.2 n.8

O filme "Barbie" também adentrou um contraponto geopolítico e sociocultural que chegou a dificultar e, até mesmo, impedir sua exibição em certos países do sudeste e leste asiático. O governo vietnamita, por exemplo, no início do mês de julho deste ano, promulgou uma proibição relativa à exibição de "Barbie", fundamentada em uma sequência específica na qual um mapa é apresentado, exibindo o território reivindicado unilateralmente pela China no contexto do Mar do Sul da China. A mencionada "linha de nove traços", delineada no formato de um contorno em U, tem sido utilizada nos mapas de origem chinesa como meio de representar as extensas áreas nas quais a China formula reivindicações, englobando amplas porções do Mar do Sul da China. Essas alegações territoriais incidem inclusive sobre áreas que o Vietnã reivindica como parte de sua plataforma continental, na qual estão situadas concessões petrolíferas (CNN Brasil, 2023).

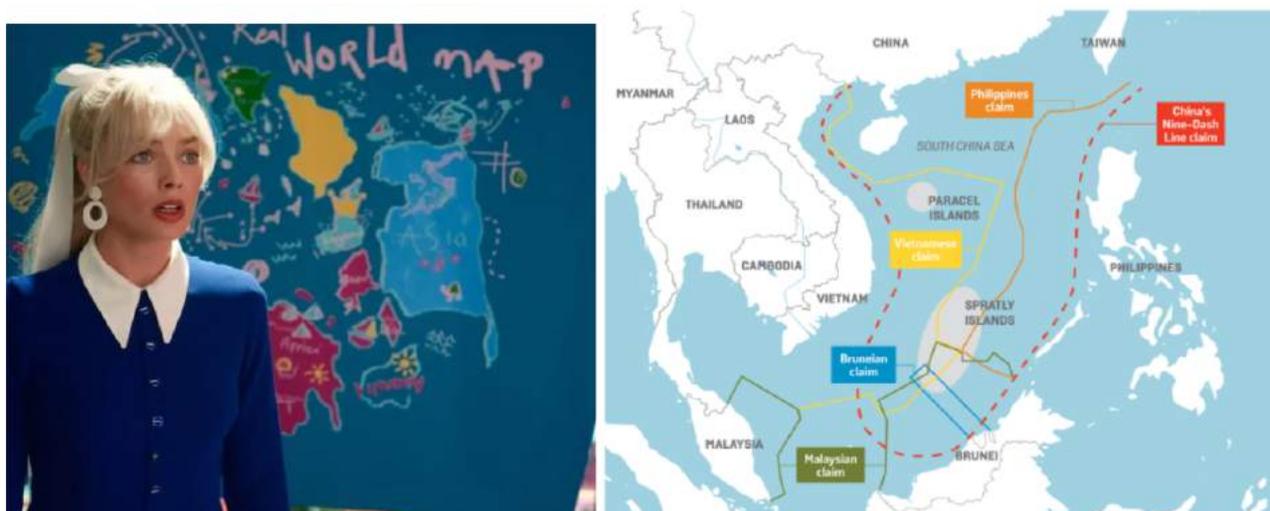


Figura 1: A direita, o mapa do Mar do Sul da China utilizado no filme Barbie (2023), já à esquerda, o mesmo mapa com as delimitações territoriais reivindicada por Vietnã, China, Brunei, Malásia e Filipinas. Fonte: Valor Econômico, 2023; Pax et Bellum, 2023.

A obra cinematográfica "Barbie" foi mais uma entre as produções recentemente proibidas de serem exibidas no Vietnã devido à sua representação visual da polêmica "linha de nove traços" da China. Importa ressaltar que esta linha foi objeto de condenação através de uma decisão proferida pelo Tribunal Internacional de Haia, no ano de 2016. Cabe salientar que a China tem mantido uma postura de não reconhecimento dessa referida decisão (CNN Brasil, 2023). A decisão do Governo vietnamita de vetar o filme demonstra a importância que a nação atribui à preservação de sua soberania e à promoção de uma narrativa em oposição às reivindicações chinesas.

Além disso, a rejeição pela China da decisão arbitral de Haia em 2016 contribuiu para a manutenção do impasse e para a intensificação das tensões na região.

Em um primeiro momento, era esperado por especialistas que o filme da boneca estadunidense também encontrasse resistência pelo público Chinês (WANG, 2023) mas dessa vez por motivos sócio políticos. O filme foi amplamente caracterizado por sua abordagem feminista, o que é contrastante com a tendência de redução dos direitos das mulheres e da representação política na China (EXAME, 2020). No entanto, o sucesso do filme no país asiático foi caracterizado como tardio. Apesar da sua presença restrita – o filme, sob a direção de Greta Gerwig, teve exibição em meros 2,4% das salas de cinema do país no momento de sua estreia – não se passou muito tempo até que "Barbie" despertasse uma significativa atenção nas plataformas de redes sociais chinesas. De fato, a obra logo se tornou uma questão de destaque nas discussões online, alcançando a posição mais elevada nas buscas do Weibo, que corresponde à versão chinesa da rede X/Twitter (WANG, 2023).

A focalização sobre a temática do empoderamento feminino que tem sido suscitada em relação ao filme "Barbie" emerge como um raio de esperança pouco comum para as ativistas feministas na China. Nos últimos anos, o cenário foi marcado por detenções de defensoras dos direitos das mulheres, bem como pela pressão exercida sobre as mulheres para que adotem padrões de gênero tradicionais, em detrimento de papéis mais igualitários. Concomitantemente, denúncias destacadas de assédio sexual foram minimizadas pelas autoridades.

É notório que a mídia estatal chinesa tem veiculado a narrativa de que o movimento feminista constitui uma parcela de um esquema de influência ocidental destinado a enfraquecer o país. Ademais, as plataformas de mídia social implementam uma postura que bloqueia críticas dirigidas a homens, porém tolera expressões ofensivas direcionadas às mulheres (MORAIS, 2023). Esses acontecimentos reforçam a natureza complexa e multifacetada da luta pela igualdade de gênero na China contemporânea. A coexistência de restrições governamentais e censura midiática com o emergente interesse pelo empoderamento feminino através do "Barbie" ilustra a delicada interseção entre influências culturais externas e a visão política interna.

A simultânea estreia dos filmes "Barbie" e "Oppenheimer" desencadeou uma série de desdobramentos surpreendentes que transcenderam as telas do cinema. A emergência da fusão humorística "Barbenheimer" e a transformação das estreias das produções em um fenômeno global refletem o poder das redes sociais e da cultura de compartilhamento na era digital. Além disso, as controvérsias geopolíticas e os debates desenvolvidos a partir das duas obras abriram uma janela para uma intrincada teia de temas, que vão desde guerras mundiais até conflitos regionais, bem como questões de gênero e representação. Nesse sentido, a controvérsia em torno de "Barbenheimer" serve como um exemplo eloquente das complexas interconexões entre cultura, política e geografia na arena global contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANA BEATRIZ BARTOLO. Mapa da Barbie: Warner se posiciona sobre polêmica que proibiu filme no Vietnã. **Valor Econômico**. Disponível em: <<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2023/07/11/mapa-da-barbie-warner-se-posiciona-sobre-polemica-que-proibiu-filme-no-vietna.ghtml>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

FRAGUITO, Giovanna. O vacilo da Warner Bros ao divulgar "Barbie" e "Oppenheimer" no Japão. **VEJA**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/o-vacilo-da-warner-bros-ao-divulgar-barbie-e-oppenheimer-no-japao>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

MORAIS, Ana. China e o Feminismo de Estado: uma tentativa de monopólio. **Dois Níveis**. Disponível em: <<https://www.doisniveis.com/sintropia-feminina/china-e-o-feminismo-de-estado/>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

NGUYEN, Phuong. Vietnã proíbe filme "Barbie" por mostrar mapa que inclui território reivindicado pela China. **CNN Brasil**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/vietna-proibe-filme-barbie-por-mostrar-mapa-que-inclui-territorio-reivindicado-pela-china/>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

RODRIGUES, Leonardo. Barbie deu lucro? Saiba se o alto investimento teve retorno nas bilheterias. **CNN Brasil**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/barbie-deu-lucro-saiba-se-o-alto-investimento-teve-retorno-nas-bilheterias/>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

ROTHENBERG, Eva. "Oppenheimer" registra maior bilheteria de filme com tema sobre Segunda Guerra Mundial. **CNN Brasil**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/oppenheimer-registra-maior-bilheteria-de-filme-com-tema-sobre-segunda-guerra-mundial/#:~:text=%E2%80%9COp%20registra%20maior%20bilheteria%20de,tema%20sobre%20Segunda%20Guerra%20Mundial&text=No%20mesmo%20dia%20em%20que,de%20meio%20bilh%C3%A3o%20de%20%C3%B3lares>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

RUIC, Gabriela. Feminismo ameaça o poder do Partido Comunista na China, diz jornalista. **Exame**. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/feminismo-ameaca-o-poder-do-partido-comunista-na-china-diz-jornalista/>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

"Barbenheimer" Isn't Funny in Nuclear-Scarred Japan. **The New York Times**, 2023. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2023/08/01/world/asia/japan-barbenheimer.html>>. Acesso em: 19 ago. 2023.

A code of conduct for the South China Sea | Pax et Bellum. **Pax et Bellum**. Disponível em: <<http://www.paxetbellum.org/2021/03/12/a-code-of-conduct-for-the-south-china-sea/>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

# 3

## 70 ANOS DO ARMISTÍCIO DA GUERRA DA COREIA

Maria Gabriela Veloso Camelo

Renan Guimarães Canellas de Oliveira

Há setenta anos, o mundo testemunhou o armistício que pôs fim aos combates na Guerra da Coreia, um marco histórico, de significância para todo o mundo. Tal conflito perdurou por três anos, de 1950 a 1953 e deixou uma marca indelével na península coreana e no cenário geopolítico global. A assinatura deste acordo de cessar-fogo, em 27 de julho de 1953, não apenas interrompeu as hostilidades entre as Coreias do Norte e do Sul, mas também moldou as trajetórias políticas, sociais e econômicas das duas nações e de toda a região. Neste marco de sete décadas desde o armistício, é imperativo refletir sobre as complexas ramificações desse conflito e as maneiras pelas quais ele continua a influenciar as dinâmicas inter-coreanas, as relações internacionais e a busca pela paz duradoura.

Após a rendição japonesa em 1945, a península coreana passou para o domínio das forças de ocupação, sendo os norte-americanos responsáveis pelo sul e os soviéticos pelo norte. Inicialmente, essa divisão foi planejada como uma medida temporária, com o intuito de permitir que as potências aliadas supervisionassem a desmilitarização e a criação de um governo unificado para a Coreia. No entanto, as tensões entre os Estados Unidos e a União Soviética, que caracterizaram a totalidade da segunda metade do século XX e culminaram na Guerra Fria, também se manifestaram na península (CUMINGS, 2005; PARK, 2022; SETH, 2018).

No norte, a administração estava sob a influência soviética, sendo Kim Il-sung e seus ex-companheiros guerrilheiros anti-japoneses os encarregados dessa liderança. No sul, os EUA se fez presente com o objetivo de impedir o avanço do comunismo e a instauração de um governo ditatorial na Coreia do Sul. Para tal, o governos dos EUA com o apoio das Nações Unidas formaram a Comissão Temporária das Nações Unidas na Coreia (UNTCOK, da sigla em inglês) para observar eleições democráticas no Sul, oficializando um governo independente da República da Coreia, perpetuando ainda mais a divisão (CUMINGS, 2005). O governo sul-coreano passou a ser liderado por Syngman Rhee, entendido pelo governo norte-coreano como um “fantoche” do imperialismo estadunidense.

Durante o período de dois anos entre 1951 e 1953, foram realizadas negociações para o armistício, estabelecendo assim o armistício mais longo já negociado na história (UN COMMAND, s.d.). Ao longo desse biênio, representantes do Comando das Nações Unidas, do Exército Popular Coreano e do Exército Voluntário do Povo Chinês se encontraram inicialmente em Kaesong (Coreia do Norte) e, posteriormente, em Panmunjom (província de Gyeonggi, na Coreia do Sul – fronteira com a Coreia do Norte, estando no centro da Zona Desmilitarizada).

Ao total, foram realizadas 158 reuniões até que todas as partes envolvidas concordassem em assinar o documento do armistício. Durante esses encontros, o objetivo de todas as partes era alcançar um acordo que suspendesse as hostilidades abertas, garantisse a libertação e repatriação dos prisioneiros de guerra e estabelecesse uma clara separação das forças em conflito (UN COMMAND, s.d.).

No encontro final, o acordo de armistício conseguiu atingir tais objetivos e, adicionalmente, estabeleceu a Comissão de Armistício Militar, assim como outras comissões destinadas a supervisionar os termos da trégua e a negociar a resolução de quaisquer violações que ocorressem. Além disso, o armistício criou uma zona desmilitarizada abrangendo toda a península, proporcionando uma área de separação entre as forças militares envolvidas (UN COMMAND, s.d.).

O armistício tem como preâmbulo:

“O abaixo assinado, o Comandante-em-Chefe, Comando das Nações Unidas, de um lado, e o Comandante Supremo do Exército Popular Coreano e o Comandante das Forças Voluntárias do Povo Chinês, de outro lado, no interesse de interromper o conflito coreano, com seu grande custo de sofrimento e derramamento de sangue de ambos os lados, e com o objetivo de estabelecer um armistício que garanta uma cessação completa das hostilidades e de todos os atos de força armada na Coreia até que um acordo pacífico final seja alcançado, concordam individual, coletiva e mutuamente em aceitar e ficar vinculados e regidos pelas condições e termos do armistício estabelecidos nos seguintes Artigos e Parágrafos, os quais tais condições e termos têm a intenção de serem estritamente militares e se referirem exclusivamente aos beligerantes na Coreia.” (UN COMMAND, 1953, tradução nossa).

Após a assinatura do armistício que encerrou oficialmente os combates na Guerra da Coreia em 1953, o cenário na península coreana e na região da Ásia-Pacífico continuou a ser moldado por uma série de desenvolvimentos complexos e desafios persistentes. As décadas após o armistício testemunharam transformações significativas nas dinâmicas geopolíticas e socioeconômicas da Ásia-Pacífico.

A Coreia do Norte, sob o governo da família Kim, adotou uma abordagem isolacionista e desenvolveu um programa nuclear, atraindo atenção internacional e gerando inúmeras crises diplomáticas. A Coreia do Sul, por outro lado, emergiu como uma potência econômica, tecnológica e cultural.

Além disso, a região experimentou a ascensão de novos atores, como a China, que se transformou em uma potência econômica e política influente, e a expansão das relações multilaterais, incluindo a formação da ASEAN.

O septuagésimo aniversário do armistício da Guerra da Coreia nos convida a refletir sobre os progressos realizados, os desafios persistentes e o potencial para uma reconciliação genuína e duradoura entre as Coreias e a região da Ásia-Pacífico como um todo. À medida que as nações buscam uma coexistência pacífica e a promoção dos interesses mútuos, é essencial considerar as lições do passado para moldar um futuro mais estável e harmonioso na península coreana e além.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUMINGS, Bruce. **Korea's Place in the Sun: A Modern History**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2005.

PARK, Eugene Y. **Korea: A History**. Stanford University Press, 2022.

SETH, Michael J. **North Korea: A History**. Palgrave, 2018.

UN COMMAND. Agreement Concerning a Military Armistice in Korea. UN COMMAND, 1953. Disponível em: <https://peacemaker.un.org/koreadprk-militaryarmistice53>. Acesso em 18 de agosto de 2023.

UN COMMAND. Armistice Negotiations. UN COMMAND, s.d. Disponível em: <https://www.unc.mil/History/1951-1953-Armistice-Negotiations/>. Acesso em 18 de agosto de 2023.



## **GOVERNO BIDEN IMPÕEM RESTRIÇÕES A INVESTIMENTOS QUE POTENCIALMENTE BENEFICIEM A CHINA: O QUE ISSO SIGNIFICA PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL?**

Franciane Farias

O comércio internacional e a luta por propriedade intelectual consistem em duas das principais faces das relações entre China e Estados Unidos. As duas maiores economias do mundo – se não considerarmos a União Europeia como um ator unitário – representam uma parcela importante do comércio internacional, e suas dinâmicas apresentam impacto significativo para todo o sistema internacional. Suas relações comerciais influenciam diretamente os mercados globais de commodities, bens manufaturados e serviços. Mudanças nas importações e exportações entre esses dois países podem causar flutuações nos preços, na demanda e no crescimento econômico global. Um exemplo prático de como as relações comerciais impactam a economia global é o de 2019: quando o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump aumentou a taxa sobre os produtos chineses que entravam no país para 25% – tributação que começou em 10% em 2018 – provou algumas respostas por parte do país asiático, e uma delas foi a desvalorização da moeda chinesa, o Yuan (a intenção de tornar seus produtos mais atrativos). Essa desvalorização provocou a queda das bolsas de valores do mundo inteiro, gerando um impacto ainda maior nas bolsas asiáticas.

Já a disputa por propriedade intelectual é uma outra fonte de tensão entre os dois países, e um pouco mais complexa, pois nesse aspecto é mais difícil de se chegar a um acordo. Os Estados Unidos acusam a China de violação sistemática de direitos de propriedade intelectual (PI), incluindo patentes, direitos autorais e marcas registradas. Isso ocorre por meio de cópia não autorizada, pirataria de software, reprodução de produtos e outros meios. Porém, muitas vezes a retaliação em resposta a essas acusações de roubo de PI vem também através de uma resposta no âmbito comercial, por isso é muito difícil falar de um tópico sem abordar o outro. Comércio e questões de PI estão intrinsecamente ligados quando falamos de China e Estados Unidos e as duas facetas das relações entre essas potências também implicam em consequências no âmbito político e diplomático.

Ter o entendimento desses dois pontos e seus desdobramentos é interessante para compreender as últimas dinâmicas envolvendo os dois países. Na primei-

ra semana de agosto, em uma tentativa de conter o avanço tecnológico chinês, o presidente Joe Biden restringiu o investimento de capital privado e de capital de risco em tecnologias chinesas de inteligência artificial (IA), semicondutores e computação quântica. Em uma coletiva feita através de uma chamada telefônica, o porta-voz da Casa Branca declarou que a medida tem o intuito de “defender a segurança nacional americana protegendo tecnologias críticas para a próxima geração de inovações militares”.

Para conter investimentos que beneficiem de alguma forma o desenvolvimento chinês, novas normas foram elaboradas para assegurar que não exista uma colaboração a partir de do capital americano, quer seja através de empresas ou de indivíduos. Segundo estas, empresas e cidadãos civis precisam notificar o governo americano sobre determinadas transações (que estão listadas na ordem executiva emitida pelo presidente Joe Biden) e estão proibidas transações que beneficiem o desenvolvimento de tecnologias chinesas com potencial de defesa.

O possível investimento indireto na defesa chinesa tem sido uma grande fonte de preocupação da política de Joe Biden. E essa preocupação talvez seja um reflexo não só das tensões citadas acima, mas também do seu histórico de espionagem (mútua), seja através de satélites ou de outras tecnologias. Além desse histórico pouco amistoso em relação a acusações de espionagem, é provável que o discurso de Xi Jinping em março de deste ano para a Assembleia Popular Nacional da China também tenha contribuído para o aumento da preocupação com o desenvolvimento da defesa chinesa. Em seu discurso, o presidente chinês prometeu a construção de um exército forte o suficiente para garantir a existência de uma só China e também para a manutenção de sua segurança. (FERNANDES, FARIAS, 2023). Além disso, o país também aumentou em quase 8% o investimento na área de defesa. (GAN, 2023)

Embora o governo americano tenha deixado claro que a intenção da medida é apenas um mecanismo de defesa e que não deseja provocar tensões entre as duas economias (CNN, 2023), a decisão foi recebida com preocupação por parte China, que enxerga nessa medida uma forma de prejudicar o comércio e desenvolvimento chinês em nome de uma suposta defesa. Segundo o Ministro do Comércio chinês a medida “desvia-se seriamente dos princípios de uma economia de mercado e concorrência justa, prejudica a ordem do comércio

internacional e perturba seriamente a segurança da indústria e das cadeias de abastecimento globais” (AFP, 2023). Além disso, o porta-voz da embaixada chinesa em Washington acusa os Estados Unidos de politizar questões de comércio e de PI em nome da segurança nacional.

O fato é que essa decisão poderá de fato ter consequências para o comércio internacional e muito provavelmente diminuir o número de transações bilaterais, uma vez que a partir do momento em que a medida entrar em vigor, as empresas e investidores precisaram pensar nas consequências antes de investir em tecnologias e programas chineses, uma vez que estes estarão passíveis de multa.

Além disso, tal acontecimento se torna mais um rusga na relação e na cooperação entre esses dois Estados, e é esperado que a retaliação chinesa não se dê apenas de forma diplomática, mas também no âmbito comercial, podendo afetar assim, todo o comércio internacional, uma vez que o investimento em semicondutores em IA tem sido prioridade não só da China, mas diversos Estados no sistema internacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Redação AFP. “EUA restringem investimentos de suas empresas em IA na China.” Acesso em: 18 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/eua-restringem-investimentos-de-suas-empresas-em-ia-na-china/>

Redação CNN. “Biden restringe investimentos na China em inteligência artificial e outras tecnologias.” 9 de agosto de 2023. Acesso em: 19 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/biden-restringe-investimentos-na-china-em-inteligencia-artificial-e-outras-tecnologias/>

FARIAS, Franciane; FERNANDES, Beatriz. “Xi Jinping e a grande muralha de ferro: a proteção da economia e segurança chinesa.” Acesso em: 19 de agosto de 2023. Disponível em: <http://www.iri.puc-rio.br/wp-content/uploads/2023/04/radar-asia-pacifico-marco-2023.pdf>

PAUTASSO, D.; NOGARA, T. S.; UNGARETTI, C. R.; PRESTES RABELO, A. M. As três dimensões da guerra comercial entre China e EUA. Carta Internacional, [S. l.], v. 16, n. 2, p. e1122, 2021. DOI: 10.21530/ci.v16n2.2021.1122. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1122>. Acesso em: 4 set. 2023.

Redação Warren Magazine. “Entenda a Guerra Comercial EUA x China : o Guia Completo.” Acesso em: 18 de agosto de 2023. Disponível em: <https://warren.com.br/magazine/guerra-comercial/>



LIGA DE ESTUDOS  
ÁSIA-PACÍFICO



Instituto  
de Relações  
Internacionais



PUC  
RIO

